

## COMPREENDER A TÉCNICA, REPENSAR A ÉTICA COM SIMONDON<sup>1</sup>

Irlande Saurin<sup>2</sup>

Trad. Thiago Novaes  
Revisão Willis Santiago

*Somos seres naturais que temos uma dívida de technè para pagar a physis que está em nós*<sup>3</sup>

Em 1958, a editora Aubier publicou *Do Modo de Existência dos Objetos Técnicos*.<sup>4</sup> Este trabalho rapidamente tornou seu autor, Gilbert Simondon, conhecido como um dos maiores contribuidores da filosofia da técnica do século XX.

O interesse de sua obra reside no fato de que ela aborda a técnica segundo duas exigências que, a nosso ver, deveriam ser hoje reativadas conjuntamente.

Simondon busca primeiro produzir um conhecimento teórico detalhado da realidade técnica como um todo. Seu esforço visa a descrever adequadamente a natureza – a essência – das realidades técnicas (objetos e sistemas técnicos, lógica cognitiva dos processos de invenção, tipo de historicidade específica ao desenvolvimento das técnicas) por meio de uma análise rica e concreta dessas realidades, tomadas em sua nudez.

Mas o segundo aspecto desta reflexão, que constitui a sua motivação profunda, repousa sobre a identificação da técnica, ou mais precisamente, da nossa relação com a técnica, com um problema ético, político e civilizacional maior – um diagnóstico que não perdeu a sua atualidade. Esse problema, tal como ele analisa, não se deve à realidade técnica nela mesma, mas ao profundo desconhecimento que temos do detalhe de nosso ambiente técnico. Ele reside na lacuna – ou na defasagem – entre o estado da nossa cultura (nossas representações coletivas, nossos conhecimentos, nossos modos de pensar, nossos conceitos, nossa “tabela de valores”) e a natureza exata da paisagem técnica que é nossa, que molda e condiciona nossa existência e nossas ações. Sem exagero, Simondon qualifica esse desconhecimento, essa inadequação da

---

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado na Rev. *Esprit*, n. 433, mar.-abr., 2017 (*Repenser la technique*), p. 153-164, gentilmente cedido pela autora para o dossiê *Simondon e Nós*, Revista *Dialectus* (Orgs.) Sylvio Gadelha, Helano Castro, Willis Santiago e Thiago Novaes.

<sup>2</sup> École Normale Supérieure - Université de Paris 1 - Panthéon-Sorbonne. IDREF: 195436628. E-mail: [irlande.saurin@ens.fr](mailto:irlande.saurin@ens.fr) / [irlande.saurin@gmail.com](mailto:irlande.saurin@gmail.com).

<sup>3</sup> “Nous sommes des êtres naturels qui avons dette de technè pour payer la physis qui est en nous”. Gilbert Simondon, *Sur la technique* (1953-1983), Paris, Puf, 2014, p. 24.

<sup>4</sup> G. Simondon, *Du mode d’existence des objets techniques* [1958], édition revue et augmentée, Paris, Aubier, coll. « Philosophie », 2012.

## **COMPREENDER A TÉCNICA, REPENSAR A ÉTICA COM SIMONDON**

Irlande Saurin / Trad. Thiago Novaes / Revisão Willis Santiago

cultura à técnica, como “*a maior causa de alienação no mundo contemporâneo*”<sup>5</sup>. A consciência aguda do contexto ético e civilizacional do fato técnico, portanto, comanda diretamente o esforço filosófico para apreender suas características internas e especificamente técnicas.

### **Relações de uso**

A reflexão ética pode ser vista sobre esta base duplamente renovada. Em primeiro lugar, Simondon clama por uma modificação ética da nossa atitude em relação à técnica. O fio condutor de seu pensamento consiste, de fato, em propor um meio termo entre a tecnofilia e a tecnofobia, recusando-se a impor ao fato técnico qualquer valor pré-constituído e extrínseco a ele. O desafio é conseguir estabelecer uma relação ética adequada à técnica, começando por suspender qualquer juízo de valor pré-determinado, para acolher a realidade técnica como tal e buscar nela uma normatividade que lhe seja específica, o que supõe um conhecimento direto dela. É a esse preço que se pode identificar a parte constante de humanidade que a técnica contém, um esforço humano de invenção, provisoriamente estabilizado na matéria, mas infinitamente reatualizável, e é sob essa condição que se podem medir as potenciais esperanças ou ameaças que ela contém.

Em segundo lugar, a compreensão da essência da técnica permite renovar a reflexão ética mais amplamente, testando a fecundidade de certas normas técnicas no campo humano em geral e, sobretudo, matizando certas aporias de concepções clássicas da ética por meio de uma caracterização mais fina da ação e da liberdade engajadas em um mundo que é ao mesmo tempo natural, humano e técnico.

O primeiro gesto de Simondon em favor de uma reforma ética voltada para a técnica consiste em modificar, ou reverter, uma situação paradoxal de aparente familiaridade que mascara uma ignorância. A realidade técnica constitui, de fato, o tecido denso e cotidiano do nosso ambiente, suporte para a maioria das nossas ações, sejam elas individuais ou políticas. Nós evoluímos com aparente facilidade num universo ultratécnico e ultraconectado, isto é, conectados por e a suportes técnicos cujas regras de utilização acreditamos dominar globalmente, precisamente porque os reduzimos a objetos de uso. A realidade técnica, que é uma de suas principais características, parece-nos, portanto, familiar e suficientemente

<sup>5</sup> G. Simondon, *Du mode d'existence des objets techniques*, Op. cit., p. 10.

## **COMPREENDER A TÉCNICA, REPENSAR A ÉTICA COM SIMONDON**

Irlande Saurin / Trad. Thiago Novaes / Revisão Willis Santiago

integrada a nossas representações da realidade. Podemos mesmo dizer que, desde que as regras de utilização dos sistemas técnicos sejam dominadas, um nível muito baixo de cultura técnica não é identificado como uma falta, diferentemente de uma cultura artística ou científica, por exemplo. Ou se for identificada como uma falta, não é vivenciada como uma falha social do indivíduo, inclusive nos mais altos cargos de responsabilidade política ou administrativa – onde as chamadas habilidades “técnicas” são, na realidade, muito raramente técnicas no sentido estrito.

O esforço de Simondon consiste precisamente em tornar visível o caráter ilusório dessa familiaridade e em substituí-la por uma compreensão exata do fato técnico. Estabelecer uma relação adequada com a tecnologia requer, portanto, reajustar nossas representações à essência dos objetos e dos sistemas técnicos, para além de seu simples uso. Este esforço já traduz um certo respeito face à técnica, pois pressupõe que ela não se dê inteiramente a conhecer na disponibilidade imediata de seus usos e que o valor do objeto técnico não se reduz à sua simples manipulação ou à sua simples performance instrumental ou socioeconômica.

### **Esquemas de funcionamento**

O ponto essencial das análises de Simondon consiste, portanto, em mostrar que na lógica da invenção e do desenvolvimento das técnicas, mas também naquilo que determina a viabilidade de sua articulação em rede (com o ambiente humano, a natureza, o resto do meio técnico), a lógica do uso é muito secundária em relação àquela do funcionamento, isto é, daquilo que diz respeito às restrições e às modalidades teóricas e materiais implementadas para que os processos técnicos sejam operatórios, logo utilizáveis e aplicáveis. O que é, portanto, determinante na produção das realidades técnicas, e constitui sua essência propriamente técnica, é a invenção e a renovação de esquemas de *funcionamento*, isto é, de tipos de relações sinérgicas eficazes entre diferentes componentes técnicos, e não a multiplicação de usos ou ações possíveis.

### **A lógica do uso é muito secundária em relação àquela do funcionamento**

Ora, a relação de uso que mantemos atualmente com as realidades técnicas raramente supõe uma inteligência sobre os esquemas de funcionamento. Saber dirigir não supõe compreender como um motor funciona, assim como usar a Internet não pressupõe nenhum

## **COMPREENDER A TÉCNICA, REPENSAR A ÉTICA COM SIMONDON**

Irlande Saurin / Trad. Thiago Novaes / Revisão Willis Santiago

conhecimento das técnicas de programação ou das restrições energéticas das redes informáticas. O pensamento de Simondon, ao contrário, convida-nos a detectar no seio dos objetos e dos sistemas técnicos a complexa inventividade que presidiu sua elaboração, isto é, aquela parte da inteligência humana que, confrontada com as restrições materiais e físicas, soube produzir esse ou aquele esquema operatório que permitiu a resolução de problemas, eles mesmos, funcionais.

Mas esta readaptação global da cultura à técnica diz respeito à toda a sociedade e supõe dois esforços complementares: o primeiro, de neutralização das representações falsas e alienantes que encobrem a natureza técnica dos objetos; a segunda, da tomada de conhecimento direto e preciso do ambiente técnico. O esforço negativo consiste, de fato, em identificar nos objetos técnicos tudo o que se relaciona com aspectos psicossociais inessenciais, que as estratégias comerciais, as relações socioeconômicas e os efeitos da moda impõem aos objetos técnicos, reforçando antiquadamente as dimensões superficiais ligadas ao seu uso. Estes aspectos secundários, uma “psicanálise da tecnicidade” deveria “exorcizá-los” e permitir-nos livrar o pensamento da técnica dos fantasmas que ela suscita – idolatria ou desconfiança excessiva diante de uma realidade percebida como estranha ou simplesmente instrumental.<sup>6</sup> Ao contrário, o esforço positivo deve envolver, na escala da sociedade como um todo, o desenvolvimento do conhecimento direto da tecnicidade através de um trabalho de familiarização aprofundada com as técnicas e com o contexto técnico-científico que as condiciona. Simondon insiste na importância da cultura técnica precoce (que deve ser cuidada pelo ensino secundário), mas também na importância de uma reatualização contínua dos conhecimentos técnicos para o mundo adulto.

Notemos que esse esforço constitui quase um desafio hoje, por duas razões. A primeira se deve ao crescente distanciamento entre a extrema facilidade de utilização dos objetos técnicos, disponibilizados, por exemplo, a crianças muito pequenas, e à indubitável complexidade dos processos tecnocientíficos, muitas vezes desconhecidos e difíceis de assimilar, que lhes estão subjacentes. Uma segunda dificuldade reside no possível abismo geracional que produz o desenvolvimento muito rápido de certas tecnologias, à medida em que diferentes gerações não se apropriam das novas técnicas disponíveis segundo as mesmas modalidades cognitivas. Aqui encontramos uma dificuldade capital na elaboração de uma cultura técnica harmonizada no seio de uma mesma sociedade.

---

<sup>6</sup> G. Simondon, *Sur la technique*, Op. cit., p. 364.

**Para além da técnica**

Vemos, portanto, que a primeira renovação ética trazida com as análises de Simondon consiste em uma modificação de nossa relação com as realidades técnicas. A integração da técnica à cultura deve, portanto, produzir uma modificação do olhar sobre o objeto técnico, que não aparece mais como puro objeto, um puro meio, mas como “*uma coisa que institui uma participação*”, “*um esforço humano condensado, uma espera, um ser virtual disponível, uma ação potencial*”.<sup>7</sup>

Mas sua reflexão sobre a técnica pode beneficiar a ética de uma maneira muito mais geral, renovando a reflexão sobre as normas e sobre a ação. Entretanto, essa relação entre técnica e ética, na qual a técnica poderia servir, em certo sentido, como modelo para a ética, apresenta uma pesada dificuldade. Se é possível reformar ou enriquecer a reflexão ética a partir de um conhecimento apurado da técnica, o pensamento de Simondon se recusa a deduzir a primeira da segunda. De fato, ele rejeita radicalmente o que seria um ponto de vista tecnicista da moral. Isso explica notadamente as fortes reservas expressas por Simondon sobre o projeto cibernético no que concerne às suas aplicações sociopolíticas. De fato, “*o essencial na ética é o ser humano, a pessoa humana considerada reflexivamente segundo uma pluralidade de ideais possíveis. O que podem as técnicas nesse nível, diante das normas?*”<sup>8</sup> Uma resposta a essa questão, que leve em conta a contribuição da técnica, deve, para ser plenamente adequada à ética humana, inserir-se no exercício ativo de um pensamento crítico, que medita para si mesmo sobre o significado da ética.

O conhecimento da técnica permitirá então, sobre esta base crítica e reflexiva, dois aportes: por um lado, um refinamento do pensamento da ação.

Do ponto de vista das normas, Simondon propõe uma análise bastante surpreendente que consiste em transpor para os seres humanos as normas aplicáveis aos objetos técnicos, mas de acordo com um princípio de prudência. Se levarmos a sério os processos de sinergia funcional no desenvolvimento dos objetos técnicos, um certo número de normas pode ser deduzido: a não destrutividade, esforço de conservação e reatualização (o que poderíamos chamar de “reciclagem”, não no sentido da reciclagem da matéria simples, mas no sentido de

---

<sup>7</sup> *Idem.*

<sup>8</sup> G. Simondon, *Sur la technique*, *Op. cit.*, p. 349.

## **COMPREENDER A TÉCNICA, REPENSAR A ÉTICA COM SIMONDON**

Irlande Saurin / Trad. Thiago Novaes / Revisão Willis Santiago

conservação e reutilização do material técnico ainda operacional), a otimização (não no sentido econômico do termo, mas no sentido de uma melhoria geral das relações internas de funcionamento entre os elementos de um dispositivo técnico).

### **“Devemos tratar o homem ao menos como uma máquina”**

Essas normas descrevem um conjunto de regras de preservação da realidade técnica, de sua integridade e de seu valor. Ora, Simondon nota que essas normas podem servir como um mínimo normativo, um limite moral mínimo para as normas aplicáveis aos seres humanos e às relações com os seres humanos. O princípio da transposição é o seguinte: “*Seria já um progresso moral inestimável se aplicássemos a todo ser humano e, mais geralmente, a todo ser vivo as normas de proteção, de salvaguarda e de gestão que inteligentemente acordamos ao objeto técnico; devemos tratar o homem ao menos como uma máquina, a fim de aprender a considerá-lo como aquele que é capaz de criá-la*”.<sup>9</sup> Notemos um caso paradigmático desta transposição, que se inscreve em uma meditação sobre a fecunda convergência entre sacralidade e tecnicidade no âmbito das normas jurídicas. Sobre a questão da pena de morte, de fato, o ponto de vista da tecnicidade levaria a invalidar definitivamente a ideia segundo a qual a supressão total de um indivíduo poderia constituir o menor começo de resolução do problema social, penal ou moral. Do ponto de vista da tecnicidade, de fato, a pena de morte só pode aparecer como “*monstruosa*”, “*porque ela não otimiza nada, sendo totalmente destrutiva*”.<sup>10</sup>

Mais amplamente, a meditação sobre a essência da tecnicidade, compreendida como criatividade e adaptação dos esquemas operacionais às restrições reais do nosso ambiente, pode beneficiar uma reflexão mais geral sobre o sentido da ação, da liberdade e da relação com o valor. Por um lado, o conhecimento técnico permite refinar e nuançar a distinção entre fim e meio, e escapar ao caráter redutor dessa distinção, que implicaria que uma ação não seja apenas uma série de atos com vistas a um objetivo pré-definido. Um funcionamento técnico pressupõe, de fato, uma reversibilidade entre fim e meio, entre causalidade e finalidade, que tende a não mais torná-los termos separados no ato verdadeiro. Por outro lado, a inteligência técnica, pensada como capacidade de reconfiguração dos elementos da realidade segundo uma

<sup>9</sup> G. Simondon, *Sur la technique*, Op. cit., p. 365.

<sup>10</sup> Ibid., p. 128.

## **COMPREENDER A TÉCNICA, REPENSAR A ÉTICA COM SIMONDON**

Irlande Saurin / Trad. Thiago Novaes / Revisão Willis Santiago

modalidade inventiva, até mesmo criativa, e não repetitiva ou puramente adaptativa, permite escapar à aporia dos dois modelos éticos extremos e concorrentes, mas ambos parcialmente válidos: uma ética do absoluto e uma ética da simples adaptação eficaz ao real. Compreender a essência da técnica não depende dos usos disponíveis dos objetos técnicos, mas da inteligência inovadora que eles contêm, reconfigurando os dados da realidade, o que nos permite precisamente não mais considerar a técnica como aumento quantitativo da escolha das ações disponíveis, mas como uma certa disposição de abertura permanente do sujeito ao seu futuro e à sua capacidade construtiva, que corresponde justamente ao que, para Simondon, constitui o senso de valor ou a real disposição ética:

O sentido do valor reside no sentimento que nos impede de buscar uma solução já dada no mundo ou em mim, como esquema intelectual ou atitude vital; o valor é o sentido do optativo; não podemos em nenhum caso reduzir a ação à escolha, porque a escolha é um recurso a esquemas de ações já pré-formadas e que, no instante em que eliminamos todas, exceto uma, são como um real já existente no futuro, e que devemos condenar a não ser. O sentido do valor é o que deve nos impedir de nos encontrarmos diante dos problemas de escolha; o problema da escolha aparece quando resta apenas a forma vazia da ação, quando as forças técnicas e as forças orgânicas são desqualificadas em nós e nos parecem como indiferentes. Se não há perda inicial das qualidades biológicas e técnicas, o problema da escolha não pode se colocar como problema moral, porque não há ações pré-determinadas, comparáveis àqueles corpos que as almas platônicas devem escolher para se encarnar. Não há escolha transcendente, nem escolha imanente, porque o sentido do valor é o da autoconstituição do sujeito por sua própria ação. O problema moral que o sujeito pode se colocar é, então, no nível desta permanente mediação construtiva graças à qual o sujeito toma progressivamente consciência do fato de que resolveu problemas, quando esses problemas foram resolvidos na ação. <sup>11</sup>

<sup>11</sup> G. Simondon, *l'Individuation à la lumière des notions de formes et d'information*, préface de Jacques Garelli, Grenoble, Jérôme Millon, coll. «Krisis», 2005, p. 507.